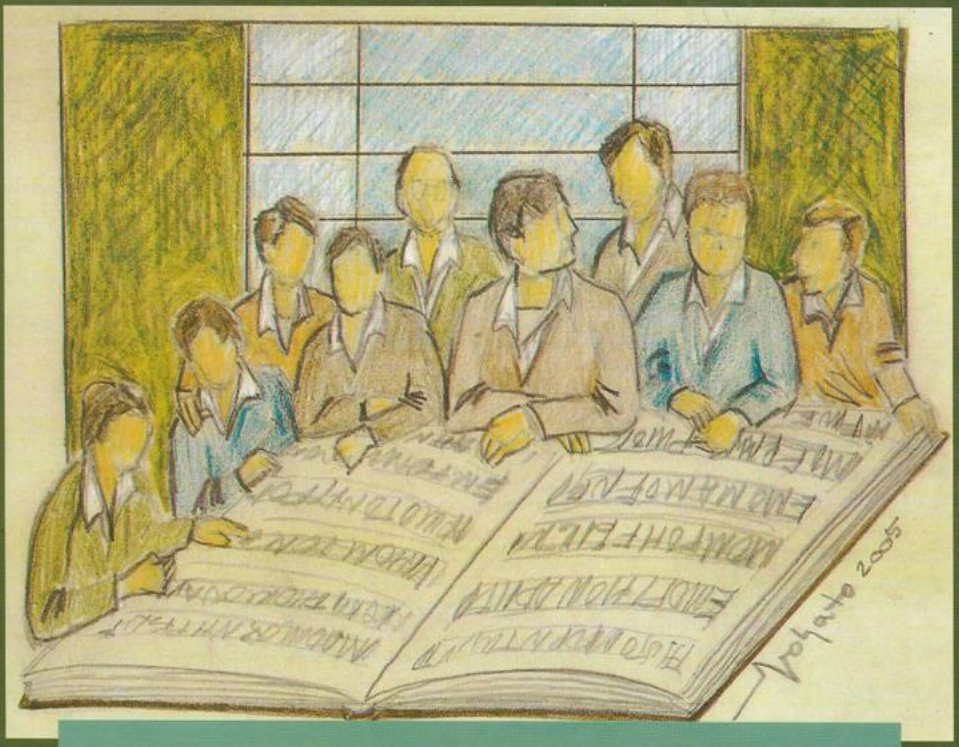


a Hora da Colheita

Autores diversos

Autores

Agenor Brighenti, Agenor Heidmann Margotti, Antenor Manoel Naspolini, Antônio Afonso Felipe, Antônio Geraldo Maccari, Bruno Salésio da Silva Francisco, Celito Kestering, Celito Freitas de Medeiros, Celso Buss, Deonísio da Silva, Divo Guisoni, Evilásio Volpato, Felício Wessling Margotti, Genésio Schlickmann, Itamar Fernandes Esmeraldino, Jaime Sprícigo, Jorge Daros, José de Souza Patrício, Judas Tadeu Grassi Mendes, Júlio Wiggers, Lourival Baschirotto, Nilo Buss, Nivaldo Paulo da Rosa, Renaldino Gehlen, Renê Machado Filho, Sebastião Tavares Pereira, Solange Rech, Tarcísio Jaime Herdt, Valdemir Miotello e Wilson Volpato.

A HORA DA COLHEITA

"... guardarás a festa da colheita à saída do ano,
quando tiveres colhido do campo os frutos do teu trabalho." - Êxodo, 23:16

FLORIANÓPOLIS

2005

Copyright © Comissão Organizadora (vide abaixo)

Todos os direitos reservados

Preparação e revisão:

Solange Rech e José de Souza Patrício

Capa:

Pintura: Arlinda Volpato

Arte-Final: Mauro J. Pereira

Editor:

Solange Rech

REGISTRO NA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

DEPARTAMENTO NACIONAL DO LIVRO

AGÊNCIA BRASILEIRA DO ISBN

A HORA DA COLHEITA / Diversos autores

Florianópolis - 2005 - 408 páginas

ISBN 85-901633-7-7

Comissão organizadora:

Pe. Antônio Gerônimo Herdt, José de Souza Patrício,
Fiorindo José Fontana, Sebastião Salésio Herdt e Solange Rech

Sumário

(em ordem alfabética de autor)

A gente sai do Seminário, mas o Seminário não sai da gente
Agenor Brighenti - padre 19

E se fosse hoje...
Agenor Margotti 31

Cenários da Vida
Antenor Naspolini 37

De pecados, tributos e pajelanças
Antônio Afonso Felipe 53

Quatro católicos ateus, graças a Deus!
Antônio Geraldo Maccari 67

Da alma à mente
Bruno Salésio da Silva Francisco 81

Um container de genes
Celito Kestering 93

Depoimento de
Celito Medeiros 109

Auto-estrada da vida
Celso Buss 125

Quem, senão nós?
Deonísio da Silva 139

O Seminário na vida
Divo Guisoni 145

Cotidiano
Evilásio Volpato 151

Do letramento às letras e vice-versa
Felício Margotti 165

Vendas internacionais e marca do Seminário
Genésio Schlickmann 175

Depoimento de
Itamar Fernandes Esmeraldino 189

Velhos fantasmas
Jaime Sprícigo 199

Influências do Seminário na minha vida pessoal e profissional
Jorge Daros 211

Ainda se fazem meninos assim?
José de Souza Patrício 229

Depoimento de
Judas Tadeu Grassi Mendes 249

Trajetória (Crônica de mim mesmo)
Júlio Wiggers 253

Aqueles anos de Seminário
Lourival Baschirotto 263

Um projeto formativo que imprimiu marcas para sempre
Nilo Buss - padre 287

Depoimento de
Nivaldo Paulo da Rosa 303

Vagando no tempo
Renaldino Gehlen 313

Onde fui gastar o meu grego
Renê Machado Filho 325

Minha marca
Sebastião Tavares Pereira 335

Entre sonhos e projetos, a vida é um cadinho de tudo
Solange Rech 349

Depoimento de
Tarcísio Jaime Herdt 363

Revisitando alguns discursos dos anos 60
Valdemir Miotello 379

De libris et auctoribus nostris
Wilson Volpato 391

UM CONTAINER DE GENES

Celito Kestering

Na lista das mais gratificantes atividades de que participei, nos recentes anos, consta a escavação da Toca do Serrote do Tenente Luiz. Trata-se de um sítio arqueológico encontrado no entorno do Parque Nacional Serra da Capivara. Situa-se na depressão do São Francisco, nove quilômetros a leste da cidade de Coronel José Dias. Esta cidade localiza-se nas margens da BR-020, km 77, região Sudeste do Estado do Piauí, entre os municípios de São Raimundo Nonato e João Costa.

A Toca do Serrote do Tenente Luiz é uma feição geomorfológica caracterizada como gruta. (Fig. 1). "Gruta é uma cavidade de formas variadas que aparece mais frequentemente nas rochas calcárias ou em arenito de cimento calcário. Esses buracos são realizados pela dissolução do carbonato de cálcio produzida pelo ácido carbônico, pela erosão mecânica e também pela pressão hidrostática. Constituem, às vezes, verdadeiros salões, geralmente muito procurados pelos turistas". [1]

Figura 1 - Início da escavação; limpeza e demarcação da sondagem



Fonte: Acervo do autor (2005)

É comum encontrarem-se, nas rochas calcárias, conjuntos de espeleotemas de indescritível beleza. Galerias de formas arcadas e abundantes estalactites fazem da Toca do Serrote do Tenente Luiz um ambiente aconchegante, de clima ameno, com visual exuberante, contrastando com a caatinga estorricada, desfolhada e retorcida pela inclemência do escaldante sol do entorno.

Agridem os amantes da natureza as cicatrizes deixadas no grande maciço de calcário pelos vândalos que a nefasta cultura do extrativismo continua a gerar e criar nos sertões brasis. Faz pena tamanha beleza natural

[1] Dicionário Geológico-Geomorfológico, 1978, p. 224.

ostentar aos visitantes as feridas que os donos das caieiras provocaram nele para vilipendiar genuíno mármore negro, transformando-o em cal, nas fogueiras abastecidas com restos cadavéricos de frondosos angicos que grassavam nas imediações do serrote.

A escavação da Toca do Serrote do Tenente Luiz excedeu às expectativas. Nela já foram exumados vinte e quatro esqueletos humanos. Alguns foram encontrados em urnas funerárias e outros, em fossas sepulcrais. Era bom o estado de conservação dos ossos que jaziam nas urnas. Dentro delas, eles estavam protegidos dos efeitos das umidificações e ressecamentos sazonais típicos e consequentes das oscilações climáticas atuais.

Havia um pote de cerâmica que os cobria e outro que os continha. A maior parte dos esqueletos das urnas era de crianças que jaziam em posição fetal.

Os ossos que jaziam em fossas apresentavam muitas fraturas e visível achatamento ocasionado pelo peso dos sedimentos e pelo intenso pisoteio humano e de animais domésticos.

A toca vinha sendo utilizada, como costumavam ser os sítios arqueológicos da região sudeste do Piauí, para armazenamento de cal, para abrigar cabras, ovelhas e porcos criados soltos na caatinga, para depósito de maniçoba e até como residência de vaqueiros.

A instalação do clima semiárido provocou depleção progressiva das águas que haviam se acumulado nas galerias das grutas, quando o clima da região era tropical úmido. As galerias foram então, paulatinamente, invadidas pelos sedimentos do entorno, transportados pela água das ocasionais chuvas torrenciais de verão. Nesses sedimentos é que foram enterrados e jaziam os esqueletos humanos. Neles foram encontrados e coletados também muitos artefatos das indústrias lítica e cerâmica, lentes de carvão e, em camadas mais profundas, ossos da megafauna pleistocênica, em adiantado estágio de fossilização.

Todo o material arqueológico da Toca do Serrote do Tenente Luiz está, agora, nos laboratórios do Centro Cultural Sérgio Motta, administrado e gerenciado pela Fundação Museu do Homem Americano - FUMDHAM, em São Raimundo Nonato, PI. Através da sua análise é que serão gerados conhecimentos científicos referentes à pré-história regional.

No mesmo centro cultural, encontra-se um dos seminaristas que, no Seminário Nossa Senhora de Fátima, recebeu formação religiosa, cultural e humana, nos tempos do Concílio Vaticano II. Tem agora o desafio de reconhecer, nos esqueletos e nos vestígios arqueológicos pré-históricos, elos perdidos da identidade, da dignidade e da autoestima dos grupos sertanejos com quem acreditava poder implantar o Reino de Deus, em

Sobradinho, BA, quando fazia reforma agrária, nos tempos da militância política e religiosa progressista.

Sou ainda seminarista, portanto, delével. Não carrego o peso e nem o pejo do caráter indelével que os rituais dogmáticos de iniciação imprimem nos neófitos mortais para cristalizar a certeza da imortalidade de instituições milenares.

Fazer ciência que realmente seja útil para resgatar a dignidade dos sertanejos nordestinos e da América Latina empobrecida implica permanente vigília que é própria de seminaristas em processo contínuo de avaliação. Tem-se que renovar, diariamente, compromissos com grupos paradigmáticos que comunguem valores ou princípios éticos. É preciso, para isso, estar alerta e não sucumbir ao bombardeio ideológico neoliberal que alicerça a resistência das elites, mantendo princípios dogmáticos mítico-religiosos e consolidando a filosofia idealista ocidental-cristã. O bombardeio ideológico neoliberal dificulta a construção de proposições científicas de consistência formal e factual.

Sem posicionamento ideológico comprometido com mudanças na estrutura social, o cientista é um mero positivista, capacho de interesses alheios. A incapacidade de transcender os horizontes das técnicas operacionais fragiliza o cientista e a nação que paga a pesquisa, relegando ambos ao patamar de consumidores da produção científica externa. A ideologia neoliberal tem instrumentos para imprimir aos seus produtos científicos valores, inclusive mercadológicos, que lhe interessam. Tem também técnicas de *marketing* para vendê-los a quem ela própria determina que sejam consumidores.

O que fazer com o material arqueológico escavado, coletado e armazenado no laboratório? Parece evidente ter que organizá-lo em classes e subclasses. Para organizá-lo, tem-se, porém, que estabelecer critérios. O estabelecimento de critérios depende de um quadro teórico constituído de um conjunto ordenado de explicações que justifiquem o ordenamento. As explicações, por sua vez, têm que ter seus fundamentos em uma epistemologia que lhes dê validade científica. Para que tenham validade científica, as explicações não podem ser dogmáticas e nem puramente filosóficas ou formais. As explicações precisam ter objetividade factual que permite a mensurabilidade das proposições científicas. A mensurabilidade depende da materialidade.

Pelo método hipotético dedutivo, a partir de um quadro teórico definido, buscar-se-á construir proposições científicas a respeito do material encontrado na Toca do Serrote do Tenente Luiz.

Durante algum tempo, os arqueólogos pensavam ser possível compreender a pré-história a partir de análises descritivas dos vestígios encontrados nos sítios arqueológicos. Criavam e enriqueciam bancos de dados.

Partiam do pressuposto teórico de que a evolução era completamente imprevisível porque os humanos eram imprevisíveis. A Arqueologia nada poderia explicar. Somente poderia descrever. O papel do arqueólogo seria simplesmente demonstrar e aprofundar o contexto dos objetos, quantificando-os, descrevendo-os e classificando-os. Além do mais, as descobertas arqueológicas falariam por elas mesmas[2]. Na prática, as descrições e as classificações não conseguiram revelar nada além dos materiais descritos e classificados. Para que descrever e classificar vestígios se o objeto de interesse do arqueólogo é conhecer a origem, a identidade e a evolução dos grupos humanos históricos e/ou pré-históricos?

Outros arqueólogos e historiadores, reconhecidos como difusionistas, pensaram ser possível conhecer a pré-história dos povos, demonstrando sua imbricação com a difusão das culturas. Segundo estes, a análise comparativa dos caracteres de fenômenos arqueológicos permitiria reconstruir grandes acontecimentos como migrações, batalhas e decisões políticas ocorridas ao longo da história e da pré-história. Algumas civilizações, mais inventivas que as outras, seriam centros difusores de invenções e de progressos. As inovações nos artefatos das indústrias lítica e cerâmica, nas estruturas de fogueira, na agricultura, na metalurgia, na arquitetura de monumentos e nos enterramentos, produzir-se-iam uma única vez e difundir-se-iam. Durante o processo de difusão perder-se-ia, gradual e progressivamente, a pureza original dos caracteres da inovação. Na prática, constatou-se a ineficiência e a inaplicabilidade da teoria do difusionismo cultural. Constataram-se grandes diferenças entre classificações que utilizavam supostos caracteres definidores de identidades culturais e as classificações fundamentadas em informações cronológicas. Não seria conveniente, portanto, utilizar as bases teóricas da Arqueologia Difusionista, conhecida também como Arqueologia de Acontecimentos, para analisar e classificar os vestígios arqueológicos da Toca do Serrote do Tenente Luiz.

E por que não aplicar os princípios teóricos da Arqueologia de cunho Antropológico? Segundo Lewis Binford e adeptos da Nova Arqueologia norte-americana, poder-se-iam reconhecer a identidade, a origem e a evolução de grupos humanos pré-históricos, pela análise de semelhanças e diferenças físicas e culturais dos vestígios que as escavações fornecem. A cultura era compreendida pelos adeptos da Nova Arqueologia como o resultado do

[2] A Arqueologia caracterizava-se assim como uma disciplina descritiva, delegando aos historiadores e antropólogos a responsabilidade e o papel de entender e explicar os povos que viveram em tempos pretéritos.

processo de adaptação dos humanos, dentro de uma estrutura social definida, gerando artefatos com formas próprias, com matérias primas específicas e com tecnologia peculiar de produção[3]. Segundo os novos arqueólogos norte-americanos, a estrutura formal de um conjunto de artefatos, junto com as relações entre os elementos contextuais, tornaria presente um quadro global sistemático e compreensível do sistema cultural extinto. Um conjunto de símbolos seria a base para reconhecimento de distintos grupos humanos. Os artefatos revelariam relações de parentesco, estruturas sociais, filosofias e ideologias. Para os novos arqueólogos, a revelação da origem, da identidade e da evolução dos grupos humanos pré-históricos dar-se-ia através da análise da estrutura, da forma, da técnica e da matéria prima utilizada para realização ou confecção dos artefatos. Os conceitos antropológicos utilizados para a definição da identidade física e cultural de grupos humanos sobreviventes não conseguiram, porém, provar empiricamente a relação dos dados vestigiais com a estrutura social, econômica, política e religiosa dos grupos humanos pré-históricos. Suas conclusões eram, por isso, vagas e tautológicas.

Constatados os limites da Arqueologia Antropológica, surgiu uma nova proposta teórico-metodológica para análise dos vestígios arqueológicos: a Arqueologia de Contextos. A Arqueologia de Contextos fundamentava-se no estruturalismo cujos pressupostos epistemológicos eram idealistas. Segundo a Arqueologia de Contextos, a cultura material e a sociedade seriam, em grande parte, determinados pelo pensamento simbólico. Sendo que o pensamento simbólico é variável de uma população à outra, seria impossível generalizar. Seria então necessário analisar cada caso, cada contexto, como uma estrutura única resultante de um processo histórico que lhe conferiria originalidade[4]. Por existirem regularidades comportamentais humanas que transcendem fronteiras de sociedades específicas e pela dificuldade de interpretação da linguagem simbólica dos grupos humanos pré-históricos, compreendeu-se ser também inviável a adoção do quadro teórico da Arqueologia de Contextos para análise dos vestígios arqueológicos da Toca do Serrote do Tenente Luiz.

Restava ainda a possibilidade de analisar os vestígios arqueológicos da Toca do Serrote do Tenente Luiz, adotando, para tal, modelos explicativos fundamentados em teorias biológicas ou genético-culturais. Em 1975, mais de cem anos depois da publicação do livro de Charles Darwin, ***A Origem das Espécies***, Edward Osborne Wilson argumentava que o comportamento dos

[3] Sintetizando Binford, 1962:21-25.
[4] Parafraseando Gallay, 1983:54.

animais sociais seria explicável pelo processo da seleção natural. Sugeriu, então, que os mesmos princípios fossem aplicados ao estudo do comportamento humano. Dizia esse pesquisador que os cientistas sociais e os humanistas, sem omitir os teólogos, mais cedo ou mais tarde, teriam que admitir que o naturalismo científico estaria destinado a alterar os fundamentos da investigação sistemática. Segundo Wilson, a cultura de cada sociedade desenvolve-se numa trajetória evolutiva definida por regras ditadas pelos *genes* da natureza humana[5]. Até o altruísmo que não é peculiaridade do comportamento humano, mas também de outras espécies animais, seria controlado por interesses egoístas dos *genes*, em processo de seleção natural. Criaturas individuais nada mais seriam que veículos dirigidos pelos seus *genes*; eles poderiam morrer, mas os *genes* vitoriosos perpetuar-se-iam através de gerações[6].

As teorias biológicas permitem que se construam árvores filogenéticas de caráter biológico e cultural para a identificação da relação antecedente - sucessor nos restos humanos e nos seus vestígios arqueológicos. A identificação dessa relação é possível pelo reconhecimento de homologias[7]. As homologias permitem a identificação de troncos culturais a que pertenciam os grupos humanos produtores de artefatos. A existência dessas homologias culturais, afirmava o etólogo austríaco Konrad Lorenz, é de extrema importância teórica porque elas provam que, na passagem da informação cultural de uma geração para outra, funcionam processos que são inteiramente independentes de considerações racionais e que, em muitos aspectos, são funcionalmente análogos aos fatores que mantêm a invariância na herança genética[8].

Absorto, na busca por uma teoria arqueológica que explicasse os fenômenos arqueológicos da Toca do Serrote do Tenente Luiz, chega-me a carta da Comissão do Terceiro Livro do Seminário de Tubarão, propondo-me que escreva um capítulo do novo livro comemorativo dos 50 anos do seminário cuja construção teve início no dia 8 de agosto de 1955. Sugere-me a comissão que escreva algo relacionado com minha vida profissional, mostrando a

[5] Sintetizando Wilson, 1978:201-205.

[6] Parafraseando Shennan, 2002:11.

[7] Entende-se por homologia "toda a semelhança entre estruturas anatômicas, processos fisiológicos ou padrões de comportamento entre duas ou mais espécies, decorrente da posse de um antepassado em comum e, portanto, da posse de pelo menos alguns *genes* idênticos por descendência comum" (Wilson, 1978:215). Por analogia, utiliza-se o conceito de homologia para os artefatos que apresentem traços estruturais que permitam estabelecer relação filogenética de antecessor – sucessor.

[8] Lorenz, 1995:441.

influência que teve o período do seminário na minha formação profissional, no desempenho, no modo de ser e de conhecer o mundo.

Hora do *coffee break*. Mais do que um cafezinho, no *coffee break*, conversa-se, troca-se informações e atualizam-se banalidades. Aproveitei o momento para comentar com meus colegas pesquisadores sobre o quadro teórico que estava propenso a utilizar para explicar os fenômenos pré-históricos. Sem nenhuma oposição, a teoria evolutiva de caráter biológico e cultural parece ser a mais apropriada para a compreensão da identidade, da origem e da evolução dos grupos humanos pré-históricos. Ela deverá ser adotada para análise dos 24 esqueletos e dos vestígios encontrados na escavação da Toca do Serrote do Tenente Luiz.

Eu estava satisfeito pela unanimidade das opiniões. Não esperava que alguém sugerisse o mesmo modelo explicativo para compreender a origem, a identidade e a evolução do arqueólogo preocupado em conhecer os grupos humanos pré-históricos da região sudeste do Estado do Piauí. Se o modelo explicativo servia para dar caráter científico a proposições explicativas referentes aos humanos que viveram há centenas ou milhares de anos, deveria servir também para emitir cunho científico às explicações da história do pesquisador que, por estar ainda vivo, poderia comprovar a eficácia da teoria adotada.

Alguns dias depois, retorno ao texto. Eu já ministrara algumas aulas sobre o modelo explicativo de caráter biológico e cultural para os alunos do Curso de Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF. (Fig. 7). Eu já havia convencido a maioria deles de que a cultura evolui como evoluem fisicamente os animais, na busca do sucesso reprodutivo da espécie. Eu já me convencera e provocara dúvidas reticentes em meus alunos de que seria perfeitamente possível identificar relações filogenéticas físicas, comportamentais e culturais dos humanos. Decidi então analisar minha vida como a história de um *container* de *genes*. Decidi compreender minha existência dirigida pelos interesses egoístas dos *genes* e da cultura.

Eu tinha dez anos completos quando entrei no seminário. Era a primeira vez que eu deixava o seio da família. O acontecimento revestia-se para os *genes* Böger-Kestering e para a cultura germânica tradicional, de relevância muitas vezes superior ao que representava o ritual de traslado de um neófito dos renques eclesiásticos, do povoado de Morro do Cruzeiro (antigo Morro do Gato) para o Educandário São Joaquim (Seminário Menor de São Ludgero).

Do Morro do Gato ao Educandário São Joaquim viajava-se a pé, a cavalo ou de carro de boi. Eram poucas as famílias que tinham charrete. Não sei por que,

no Morro do Gato, charrete tinha o nome de aranha. Tio Paulo possuía uma aranha. Ela era diferente das outras que eu conhecia porque tinha freio. Os cavalos do tio Paulo não precisavam esforçar-se tanto quanto os outros para segurar a aranha nas descidas mais íngremes da estrada do Morro dos Locks.

Naquele trecho do caminho, tio Paulo punha o pé direito no freio, brecando a charrete com firmeza. Às vezes, a aranha brecada deslizava de arrasto, pela estrada lamacenta e escorregadia, impondo ao cavalo um esforço adicional para não despencar no medonho grotão.

Não viajei com a aranha do tio Paulo. Meu pai precisava passar na Cooperativa Agrícola Mista de São Ludgero onde compraria algumas latas de querosene da marca Jacaré. O querosene era usado para abastecer os lampiões de nossa casa. Os lampiões eram peças fundamentais para a execução diária dos rituais da noite. Na casa de meus pais, o ritual noturno era sagrado. Obedecia a uma sequência de cantilena: lavação dos pés em grandes gamelas de madeira; preparo da ceia, esquentando, cozinhando ou fritando a comida que sobrara do café da manhã, do almoço, da janta e do café da tarde; servir e servir-se da ceia com toda a família reunida, conversando sobre os acontecimentos do dia e planejando as atividades do dia seguinte; a reza do *Roserkrans* (rosário), intercalando ave-marias e Santa-Marias, intermediando com a ladainha de Nossa Senhora e concluindo com a Salve Rainha; a lavação da louça e, finalmente, a bênção na pia de água benta, localizada em uma parede da sala, para meter-se, logo depois, em baixo de um cobertor de penas e dormir o merecido sono, sem ser perturbado pelos temidos e indesejados pesadelos que o diabo inoculava no coração, na mente e na alma dos relapsos.

Acordamos muito cedo, como de costume. Enquanto minha mãe e eu terminávamos de arrumar as malas, meu pai punha os bois à canga e os amarrava no mourão da porteira, na saída do terreiro da casa. Nossos bois, o Barroso e o Queimado, eram bons, bem domados e mansos. Aravam, tiravam madeira no carretão, sulcavam, gradeavam o solo e puxavam o carro, em posição ereta, sem se estribarem[9] como faziam algumas juntas mal domadas de bois que eu conhecia.

Fizemos a costumeira oração que precedia o café da manhã. Alimentamo-nos bem. Servimo-nos do café que produzimos na roça do morro; do açúcar e do cuscuz que industrializamos no engenho da família; do pão de milho moído

[9] Entendia-se por estribar o costume que tinham algumas juntas de bois de fazerem esforço para as laterais do cabeçalho do carro, diminuindo assim o esforço de tração que deveriam direcionar para frente.

em nossa atafona[10]; do pão de trigo produzido na roça da grota funda; do leite tirado das vacas que tínhamos no pasto; de broas de polvilho, de cuca e de bolo. Não faltaram também a *schmier*[11], o *schmant*[12], a coalhada, a manteiga, o colostro[13], a morcilha[14] e o salame.

Ouvimos com atenção, meu pai e eu, os conselhos e as recomendações de minha mãe e saímos. Meu pai, sentado sobre a mala velha que tio João comprara quando fora servir o exército e usada agora para transportar meu enxoval, dirigia os bois. Em sua cintura carregava um grande facão, peça indumentária de mil e uma utilidades e indispensável para todo o agricultor que viajasse de carro de boi. A mala estava bem amarrada com um torçal, em dois pinos fixos nas laterais inferiores do carro. Eu viajei na parte traseira do carro, em pé e segurado em dois fueiros. Era eu quem descia para abrir e fechar as muitas porteiras que havia no percurso.

Meus pais não sabiam, mas eu era uma cria humana infeliz. Eu era um coitado. Maldizia, no íntimo de meus pensamentos, o coito que me gerou. Melhor seria se não tivesse nascido. Por infelicidade, eu nascera humano, dotado de uma alma imortal que, seguramente, arderia nas chamas do inferno, enquanto nele existisse uma fagulha do fogo ardente que queimava sem consumir. Os santinhos de papel dourado que o Pe. José Pereira Kuns ofertava quando de suas visitas pastorais, roíam a essência da minha existência. Eu os colecionava. Tinha já mais de cem. Diariamente os contava, admirava-os e me convencia de que o céu deveria, realmente, ser um lugar muito bom, mas, infelizmente, não era feito para mim. Era humanamente impossível um menino travesso, hiperativo como eu, ter a felicidade de alcançar o céu. A felicidade eterna, no paraíso celestial, em companhia de Deus, dos anjos e dos santos, era destinada para as almas puras. O céu era para almas dos mansos, dos calmos, dos quietos, dos cordeirinhos, da Ana Felthaus a quem eu via sempre na Igreja, dos piolhos de igreja, dos ratos de sacristia e dos abestalhados.

---

[10] Atafona era um moinho constituído por dois blocos de granito talhados de forma circular. O bloco inferior era fixo enquanto o bloco superior girava, triturando os grãos de milho ou de trigo que por entre eles passavam. Os grãos caíam em um orifício que se localizava no centro do bloco superior e saíam triturados, em forma de farinha, pelas suas laterais.

[11] Doce de frutas que era servido no café da manhã para ser consumido junto com o pão de milho ou de trigo.

[12] Nata de leite.

[13] O colostro era servido como coalhada escorrida. Era feito com o leite tirado da vaca, nos primeiros dias após o nascimento do bezerro. É uma comida de sabor muito agradável, rico em proteínas e gorduras.

[14] Morcilha é uma linguiça feita com o sangue e os miúdos do porco.

Eu suava frio ao pensar que a eternidade era um tempo que não se acabaria. Sentia vertigens ao pensar que minha alma era eterna. Ensinava-se que a eternidade poderia ser comparada com um diamante, o mais duro dos cristais, se este medisse seis quilômetros de comprimento, seis quilômetros de largura e seis quilômetros de altura. Se nesse diamante um passarinho, de cem em cem anos, fosse limpar seu bico, teria passado um segundo da eternidade quando ele todo tivesse sido desgastado. Dizia-se também que no inferno havia um relógio que, ao invés do tique-taque, repetia as palavras sempre e nunca, lembrando aos condenados que, naquele lugar de suplício eterno, sempre ficariam e nunca sairiam.

Eu era um mijolo humano desgraçado, condenado à insanidade mental, à debilidade física, à morte prematura e ao fogo do inferno. Alimentava-me mal. Não eram gostosas as comidas postas à mesa, por mais fartas e variadas que fossem. Eu era acometido por dores de barriga e por enxaquecas, quase todos os dias. Faltava-me oxigênio quando, na escola, rezava o terço ou assistia as missas do Pe. José Pereira Kuns. Tinha horror ao sacramento da confissão. Todas as minhas confissões eram mal feitas porque eu não conseguia contar para o padre os pecados do jeito que eu os tinha cometido. O conceito de pecado não era bem definido. A linha divisória entre o pecado venial e o pecado mortal era muito tênue e confusa. Confessar significava entrar no confessionário com um número de pecados e sair com os mesmos pecados não perdoados e mais um pecado mortal acrescido: o da confissão mal feita.

Feliz determinação genética aquela que me fez sair, roendo amarga saudade, do ninho quente de amor, da casa de meus pais, onde a morte rondava com sua gadanha afiada, usando as níveas vestimentas da tradição cultural religiosa tridentina. No carro de boi, sem saber, meu pai transportava minha mala e viabilizava minha sobrevivência, atendendo a um interesse egoísta dos *genes* em busca do seu sucesso reprodutivo.

Fiquei no seminário durante doze anos. Nos primeiros dias, a saudade de casa quase me fez desistir. Eu continuava alimentando-me mal, apesar da farta comida servida aos seminaristas. Aos tormentos existenciais vividos na infância, acrescera-se a dor da saudade. Para felicidade dos *genes*, sobreviveu o *container*. Comecei a afeiçoar-me pela vida do seminário. Eu gostava de esporte. Aprendi a jogar futebol de campo, futebol de salão, vôlei, basquete, tênis de campo, tênis de mesa, espiribol e quadrilha. Deleitava-me com os trabalhos na horta. Produzíamos repolho, alface, rabanete, nabo, couve, quiabo, milho, tomate, feijão de vara, feijão preto, cebola, cebolinha e salsa. Como eram prazerosos os banhos no rio, logo que terminavam os trabalhos agrícolas! Nas horas de estudo sério, desligava-me do mundo, viajava na fantasia. Enquanto estudava latim, parecia estar em Roma, com Cícero, no senado, com Júlio César, nas guerras de

conquista. Odiava Catilina. Amava Cleópatra. Como gostava de estudar grego! Invejava a inteligência de Homero. Que prazer me dava traduzir a bíblia do grego para o português e descobrir que palavras escritas em algumas bíblias não haviam sido traduzidas com o mesmo sentido da bíblia original grega! Comecei a gostar até das rezas. Pe. Afonso Schlickmann preenchia quase todo o tempo da reza com cantos religiosos. Eu gostava de cantar. O canto me fez gostar da reza.

Vivi, com intensidade, a mudança no horizonte conceitual de Deus promovida pelo Concílio Vaticano II e adotada, no Seminário Nossa Senhora de Fátima, durante a maior parte do tempo que lá vivi. Durante os doze anos de claustro, pratiquei muito esporte; trabalhei, com muito gosto; rezei e cantei feito um condenado para conquistar o céu e, acima de tudo, li e estudei tudo o que me era proposto. Quando terminei o curso de Filosofia eu já estava relacionando-me muito bem com a vida. Alimentava-me como um padre santo e dormia como um porco farto. O seminário deixou-me um jovem saudável, com disciplina e com fantástica referência cultural. Eu ainda tinha medo do inferno, mas ele não me atemorizava como nos tempos passados da minha infância. Os *genes* da família Böger-Kestering usufruíam agora de um corpo sadio e de uma mente refrescada pelos conhecimentos de outras culturas, através do estudo.

O seminário, fomentando o consumo de Deus como lenitivo (não importava se tinha o rótulo de remédio, analgésico, anestésico, droga ou ópio e nem se criaria dependência física, emocional ou mental), aliviou-me, por um bom tempo, as angústias, as dores existenciais, os traumas e as doenças que a religião criara na minha infância. Muniu-me de uma bagagem cultural que poderia muito bem ser utilizada como asas para o voo nupcial que os *genes* precisavam fazer, em busca do seu sucesso reprodutivo. Estavam os *genes* prontos para voar. Dependiam somente de uma plataforma para partirem rumo a novas culturas e estranhas etnias com quem pudessem, através da miscigenação, contribuir para se perpetuarem e fortalecerem a espécie humana.

Surgiu o Projeto Igrejas Irmãs, na medida perfeita, para os *genes* utilizarem o *container* móvel que os transportaria para se reproduzirem e se fortalecerem em um contexto biológico e cultural diferente. Viva a diferença! Vivam os *genes*! Sobreviva o seminarista transportador de *genes* e de bagagem cultural suficiente para fazê-los reproduzirem-se e se perpetuarem na região semiárida do nordeste brasileiro! No sertão da Bahia, outros *genes* e outra cultura os esperavam com o mesmo objetivo.

Cheguei à cidade de Rodelas, no sertão semiárido nordestino, no início de 1975, com o objetivo de organizar os trabalhadores rurais para enfrentamento conjunto de problemas que a construção da Barragem de Itaparica traria,

inundando as terras ribeirinhas do Rio São Francisco. Pretendia evitar, através da conscientização e da organização dos trabalhadores rurais, que se repetissem os impactos sociais e traumas da relocação de que fora vítima parcela significativa da população ribeirinha com a construção de uma barragem, na região de Sobradinho.

Engajei-me nas atividades pastorais, sindicais e associativas. Dediquei-me com afinco ao trabalho, por acreditar que estava contribuindo com a população local. Eu não sabia, mas os *genes* Böger-Kestering, estavam interessados mesmo era em se perpetuarem. Tive oportunidade de conhecer muita gente bonita, brancas, morenas, índias e mestiças. Ninguém, absolutamente ninguém, despertou maior interesse para os *genes* Böger-Kestering, concentrados, assanhados e aprisionados no *container* Celito, que um conjunto miscigenado de *genes* Soares-Ribeiro, concentrados, assanhados e aprisionados em outro *container* humano cujo nome de batismo era Ducilene, a Doce-Lua de minha vida.

Ducilene e eu apaixonamo-nos no primeiro momento em que nos vimos. Lutamos e relutamos contra nossos sentimentos e contra os interesses egoístas dos *genes*. Tivemos disciplina, estrutura emocional e cultura suficiente para controlar, por algum tempo, os imperativos genéticos que tinham então virulência aditivada pela efervescência hormonal da juventude.

Retornaram as dores de cabeça e problemas digestivos de minha infância. Eu vivenciava, novamente, conflitos existenciais homéricos. Não queria trair a confiança da Igreja, dos padres do Seminário, da família e nem da comunidade cristã catarinense. Eu brecava, com firmeza, o *container* que deslizava como a aranha do tio Paulo, na íngreme ladeira da estrada da vida. Os *genes*, enérgica e imperativamente, mostravam a estrada escorregadia por onde, necessariamente, teria que passar, rodando ou deslizando de arrasto, o *container* que os transportava. Depressão e problemas psicossomáticos fizeram com que ressurgisse das cinzas o inferno vivido na infância. O sentimento de culpa antecipava, para minha atribulada vida terrena, o inferno a que estava predestinado viver por toda a eternidade.

Casamo-nos, quase três anos depois, no dia 24 de dezembro de 1977, na Igreja São João Batista e no Cartório de Rodelas, sacramentando a sacrílega união determinada pelos *genes*, mas não afinada com a tradição religiosa cristã que me indicara o celibato como condição *sine qua non* para o exercício eclesial nobre da instituição. Ser leigo era ser vulgar, implicava tornar-se mortal comum. Ducilene e eu, por determinação genética, fizemo-nos plebe, ralé da aristocracia católica apostólica romana e escória da hierarquia eclesial da América Latina. Nodoamo-nos no lamaçal da existência humana comum. Deixamos de ser quase divinos, porta-vozes de Deus, para sermos amordaçados pelos vis e torpes

reclamos da carne. Consumamos nosso infinito e prazeroso amor proibido, ambos pela vez primeira, três dias depois de casados, na casa paroquial de Sobradinho onde o vigário, amigo nosso, hospedava-se somente nos finais de semana.

Por feliz ironia da sorte, encontramos, em Juazeiro, BA, o bispo D. José Rodrigues, adepto da Teologia da Libertação, em cuja diocese havia espaço para os expulsos do paraíso**,** para os expatriados dos renques clericais**,** os ex-padres**,** os ex-seminaristas e os ex-porta-vozes do Deus de Trento que quisessem contribuir na construção de uma sociedade melhor, o Reino do Deus da Libertação. O Deus da Libertação não somente permitia como também incentivava nosso interesse em contribuir com a mudança social. Engajamo-nos nas atividades pastorais. Éramos quase um "exército de Brancaleone", mas fizemos história. Ducilene alfabetizava e conscientizava politicamente as prostitutas do baixo meretrício e eu, enquanto cursava a Faculdade de Agronomia, realizava trabalhos de conscientização e organização dos trabalhadores rurais, na Comissão Pastoral da Terra.

Mudamo-nos depois para Sobradinho onde nos dedicamos às atividades pastorais e, num segundo momento, à militância política. Ducilene e eu, pelo que sei, fomos o primeiro casal da América Latina a quem um bispo, com o consentimento do papa João Paulo II, confiou a responsabilidade pela administração de uma paróquia católica romana.

Participamos efetivamente do processo da emancipação política do acampamento construído para abrigar os trabalhadores que construíram a Barragem de Sobradinho. Quando findaram as obras de construção da Barragem, contribuímos com a luta dos trabalhadores desempregados, na busca de alternativa para sua sobrevivência. Participamos na sua organização em associações para ocupar e implantar projetos agrícolas, nas terras devolutas do entorno da atual cidade de Sobradinho. Decepcionamo-nos com o insucesso de nossos projetos. Concluímos que as mudanças sociais e os projetos de auto sustentação que sonhávamos não teriam, em curto prazo, o sucesso desejado.

Começamos a acreditar que a mudança da realidade social do Brasil e, sobretudo da região semiárida, dar-se-ia, em médio ou longo prazo, pelos caminhos da educação. Ducilene, graduada em Letras e especialista em Psicopedagogia, busca agora, enquanto professora efetiva da Secretaria da Educação do Estado da Bahia e do Município de Sobradinho, contribuir com o resgate da dignidade e da autoestima dos alunos que têm dificuldade de aprender. Ela acredita poder engajá-los no processo de desenvolvimento da região para participarem na concretização do seu sonho de uma sociedade igualitária, humana e feliz.

Decidi estudar a pré-história nordestina. Feliz decisão a minha de adentrar no mundo da ciência arqueológica para compreender melhor a vida! Nas escavações de que participo, encontro vestígios de grupos humanos pré-históricos que, por opção, não construíam templos e nem palácios. Viviam soltos pelos campos silvestres sem cerca do Nordeste do Brasil. Sepultavam seus mortos em urnas de cerâmica ou em fossas sepulcrais. Não tinham túmulos suntuosos e nem medo do fogo eterno que atormentara minha vida. Eram livres da filosofia ocidental cristã que promove doenças nos humanos para anestesiá-los depois, com divinais lenitivos traficados com o beneplácito do imperialismo.

Enquanto professor efetivo de Bases Teóricas e Metodológicas da Pesquisa Arqueológica, na Universidade Federal do Vale do São Francisco (Fig. 8), eu contribuo com o projeto de Ducilene, orientando a juventude estudantil, para que se aproprie dos valores e preserve o que os autênticos e destemidos nordestinos do passado produziram. O patrimônio cultural construído por eles em meio natural de beleza exuberante é a melhor referência que se tem no nordeste brasileiro para que os humanos vivam livres, felizes e soltos como voam os pássaros do Parque Nacional Serra da Capivara, onde realizo escavações.

Rodrigo, Celene e Bruno, nossos filhos, são hoje os *containers* responsáveis pelo armazenamento, transporte e sucesso reprodutivo dos *genes* miscigenados Böger-Kestering-Soares-Ribeiro que herdaram e hospedam. Solidarizamo-nos com eles, Ducilene e eu, os velhos *containers*, cuidando em preservar e resgatar valores éticos e culturais que os ajudem a se dar bem na vida, em um meio social que nem sempre incentiva a sobrevivência da espécie humana. O caminho natural para a felicidade é o da miscigenação biológica e cultural, em harmonia com as outras expressões de vida do planeta.

Os humanos dão-se bem na vida e são felizes quando, atendendo aos interesses egoístas dos *genes*, conseguem orientá-los com as rédeas da ética e da cultura. Minha história resume-se na trajetória que fiz entre a infelicidade gerada pelos ditames dogmático-religiosos da infância e a felicidade alcançada pela compreensão da realidade sob a ótica da ciência. Sou hoje um humano feliz. Não preciso mais morrer para ir ao inferno que a religião construiu. Vivo o céu que a ciência me ajuda descobrir e conquistar.

A questão relativa à evolução biológica e cultural dos grupos humanos pré-históricos que ocuparam a Toca do Serrote do Tenente Luiz ficou postergada. Merece um artigo, uma dissertação ou mesmo uma tese. Deixo esse desafio, como legado, a algum materialista histórico que faça parte de nosso grupo paradigmático e tenha compromisso com a mudança da realidade social do Nordeste, do Brasil e da América Latina.

REFERÊNCIAS

BINFORD, Lewis R. **Archaeology as Antropology**. In: **Archaeological Perspective**. New York: University of New Mexico; San Francisco & London: Seminar Press; 1962; p. 21-32.

DICIONÁRIO GEOLÓGICO-GEOMORFOLÓGICO. Antônio Teixeira Guerra; 6 Ed, revista e atualizada pelos geógrafos Ignez Amélia Leal Teixeira Guerra e Antônio José Teixeira Guerra. Rio de Janeiro: IBGE, 1978.

GALLAY, Alain. **L'Archéologie demain**. Paris: Éditions Pierre Belfond; 1983.

LORENZ, Konrad. **Os Fundamentos da Etologia**. Tradução de Pedro Melo Cruz e Carlos C. Alberts, Editora da Universidade Estadual Paulista, São Paulo. 1995.

SHENNAN, Stephen. **Genes, Memes and Human History, Darwinian Archaeology and Cultural Evolution**. New York: Thames & Hudson; 2002.

WILSON, Edward Osborne. **Da Natureza Humana**. Tradução de Geraldo Florsheim e Eduardo d'Ambrósio (1981). São Paulo: T. A. Queiroz Editor AS. & Editora da Universidade de São Paulo, SP; 1978.

Celito Kestering

Filósofo, pela Universidade do Sul de Santa Catarina - Unisul.

Engenheiro Agrônomo, pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco - Famesf.

Especialista em Realidade Brasileira, pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento - Ibrades.

Mestre em Pré-História, pela Universidade Federal de Pernambuco - Ufpe.

Doutorando em Arqueologia, na Ufpe, sob orientação de Dra. Anne-Marie Pessis.

Professor de Bases Teóricas e Metodológicas da Pesquisa Arqueológica, na Universidade Federal do Vale do São Francisco – Univasf.

E-mail: celito.kestering@univasf.edu.br; Fones: (74) 538 2454 e 89 582 1612.